

Orlandi, Eni P. (org.) *Discurso fundador*. Campinas, S. R: Pontes, 1993, 171 págs.

### RESENHADO POR: CIBELE BRANDÃO

Em geral, figuramos de forma negativa nos discursos que funcionam como referência básica para definir em que consiste nossa brasilidade. Por vezes somos identificados de forma estereotipada que nos desmerece ou nos desabona como cidadãos, noutras o que sobressai é a falta de algo que nos identifique especificamente. Também costumamos ser identificados na forma daquilo que não somos.

Para explicitar como se estabelecem tais discursos e como eles constroem a identidade brasileira, Eni Orlandi reuniu, na primeira parte de uma obra coletiva, uma série de artigos que conduzem o leitor a uma reflexão sobre o discurso fundador daquilo que se define como brasilidade.

O tema do discurso fundador é analisado na segunda parte do livro em relação a outro país, vizinho nosso, a Argentina, também às voltas com a questão da construção de identidade.

Assim, os autores de *Discurso fundador* procuram, na especificidade de suas análises, decifrar o modo como se formam e se cristalizam na memória de um país os referenciais imaginários que constituem seus discursos fundadores.

A coletânea de textos reunidos na obra mostra que a diversidade de enfoques na questão da fundação não invalida a tentativa de relacionamento entre diferentes processos discursivos. A análise de enunciados, mitos, lendas, obras literárias, discursos políticos, procura compreender a formação dos sentidos daquilo que constitui a historicidade de um país, particularmente de dois países da América Latina, o Brasil e a Argentina.

A constituição de sentidos, perspectiva dos artigos que integram *Discurso fundador*, é uma questão ideológica. Poderíamos então indagar sobre a origem das idéias que organizam os sentidos que podemos atribuir aos discursos fundadores. A resposta será encontrada no texto de P. Henry, *Sentido, sujeito, origem*, apresentado no final do livro como uma contribuição teórica em forma de apêndice aos trabalhos que tratam sobre o tema da fundação. Para o autor, a questão do sentido, por ser de natureza filosófica, deve ser vista em suas diversas e múltiplas formas, jamais como um problema para o qual exista uma resposta definitiva e restrita a um domínio exclusivo. Tampouco podemos precisar

seu ponto de origem, uma vez que não há lugar determinado para as idéias na constituição dos sentidos.

Os sete primeiros artigos da coletânea discutem a historicidade do processo discursivo de formação do Brasil. A importância do estudo realizado não está propriamente nos recortes feitos em cada artigo, mas na maneira como os diferentes processos discursivos analisados se relacionam, na forma como eles vão se constituindo interdiscursivamente.

O que caracteriza como fundadores enunciados como *Independência ou morte*, *Libertas quae será tamen*, *Em se plantando tudo dá* Esta questão é discutida nos artigos de Eni Orlandi e Eduardo Guimarães na perspectiva dos efeitos ideológicos que tais enunciados têm e que configuram no nosso imaginário o que é "ser brasileiro".

No texto de abertura do livro, Eni Orlandi mostra que os sentidos variados que podemos atribuir ao enunciado *Em se plantando tudo dá* constroem solidariamente a ideologia do "ser brasileiro", seja nas suas interpretações positivas ou negativas em relação ao nosso sentimento de brasilidade.

Eduardo Guimarães elucida em seu texto que o grito da independência é interpretado historicamente pelos brasileiros como um acontecimento instaurador da soberania nacional, quando, na verdade, foi uma declaração de guerra a Portugal para garantir os direitos de proprietários de terras aqui radicados. A declaração da independência foi feita para uma classe em particular e não para todos os brasileiros, como nós a concebemos no nosso imaginário.

A produção de sentidos constitutivos da história brasileira por meio do discurso jornalístico é a tônica do trabalho de Bethania Mariane, que confronta o discurso de dois jornais pioneiros na imprensa brasileira, *O Correio Braziliense* e a *Gazeta do Rio de Janeiro*, para mostrar a quase totalidade de ausência de marcas de brasilidade nos discursos veiculados por aqueles jornais no seu primeiro ano de funcionamento.

A descoberta da memória histórica constituída por lacunas, ausências, levou a autora a perceber no discurso jornalístico outros sentidos, os excluídos, os silenciados, e , até, pequenos espaços de resistência do brasileiro em que tais sentidos pudessem ser encontrados.

A busca de identidade do brasileiro também é estudada na língua e nos discursos modernistas da década de 1920. Na análise dos manifestos de Gilberto Freire e de Oswald de Andrade, feita por José Horta Nunes, a questão da identidade é vista na perspectiva da configuração de raças formadoras do povo brasileiro. No campo da língua, são analisados, além dos já citados manifestos, alguns outros discursos que com eles têm relação, como o da literatura, de José Lins do Rego, e o da música, de Caetano Veloso.

O discurso da história do negro serve também como material de análise para a reflexão sobre o discurso fundador. Neste ensaio, há o resgate do discurso da

resistência negra à escravidão em oposição ao discurso da passividade, estabelecido como verdade histórica.

Os clichês que dão conta do jeito de ser do brasileiro são apresentados por Maria Cristina Ferreira como constitutivos da nossa identidade. São eles incorporados a nossa memória de forma a funcionar como referenciais de identidade. No recorte selecionado, três enunciados são vistos à luz da produção de sentidos que circulam pelo imaginário brasileiro: "Todo brasileiro gosta de levar vantagem em tudo", "o jeitinho brasileiro" e "Deus é brasileiro". Os enunciados são amplamente utilizados pelos brasileiros, ainda que veiculem sentidos não abonadores sobre nossa conduta.

A análise de enunciados é retomada no artigo de Luiz Francisco Dias, com base na temática da cidadania no Brasil. Atento aos processos discursivos que configuravam o "ser brasileiro" na conjuntura de 1991, o autor analisa textos retirados da mídia para definir três propriedades enunciativas na formação do "ser brasileiro", quais sejam:

a) sumarização - em que os atributos do brasileiro assumem a forma de um conceito resumido num substantivo: "Brasil" equivalente a "vida" e "povo brasileiro" equivalente a "homem".

b) atribuição - em que a utilização da expressão "brasileiros de S. Paulo", em textos publicados na data de sete de setembro nos jornais da cidade, imprimem um sentido para "ser brasileiro", identificado como um modo de vida localizado que se traduz em amor pelo País.

c) modalização - em que o "ser brasileiro" adquire sentido em relação a uma atitude: questionamento da privatização da Usiminas em textos publicados no *Jornal do Brasil*. O "ser brasileiro", neste contexto, se traduz numa atitude patriota de amor ao País.

O discurso fundador da argentividade é tratado somente em três artigos da coletânea. No primeiro deles, a proposta é analisar o caráter fundacional de um texto escrito em 1852 como contribuirão para a elaboração da Constituição da Argentina, sancionada no ano seguinte.

No segundo, é enfocado o imaginário de língua, baseado em estudos sobre a polêmica a respeito da língua espanhola na região do Cone Sul latino-americano. O objetivo desse estudo é analisar o jogo de contradições de ressonâncias interdiscursivas como marcas fundadoras da construção de identidade no imaginário social do povo habitante daquela região.

O material de análise do último artigo sobre as fundações discursivas da Argentina são os discursos proferidos pelo presidente Raul Alfonsín em 1985 e 1986, que buscavam propagar um plano de revigoração para a Pátria: o discurso da modernidade. O caráter fundacional do discurso alfonsinista é o sonho de constru-

ção de uma pátria ideal, efeito ideológico presente em outro discurso: o da *Organização nacional*. Assim é trabalhada a interdiscursividade na constituição de sentidos que dão origem ao discurso fundador da "Pátria dos sonhos".

Nem todos os estudos no livro encontram o equilíbrio entre a linguagem e a teoria. Alguns exageram no tecnicismo acadêmico, dificultando a compreensão daqueles que têm interesse pelo assunto, mas não dominam ainda determinados conceitos pertinentes à Análise do Discurso. É o caso dos textos que versam sobre o discurso fundador da argentinidade, em que observamos pouca preocupação com uma elucidação objetiva dos conceitos teóricos referidos em tais artigos.

No mais, ler *Discurso fundador* é adentrar nos diversos sentidos veiculados no imaginário de diferentes autores a respeito do assunto. Talvez a maior contribuição do livro esteja no fato de ele abrir fendas para novos estudos ou recortes, a fim de delimitarmos a questão da fundação e da identidade sob outras perspectivas de análise.